

Veredas atemática

Volume 17 nº 2 - 2013

Relações retóricas sinalizadas pelo marcador discursivo *então* em elocuições formais

Juliano Desiderato Antonio¹ (UEM)
Deise Vieira dos Santos Alves² (UEM)

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo apresentar as relações retóricas sinalizadas pelo marcador discursivo *então* em um *corpus* formado por elocuições formais (aulas de curso superior). O aparato teórico-metodológico utilizado é a Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory* – RST), teoria funcionalista que estuda a organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem entre as partes do texto. Tomando-se como base os critérios utilizados por Schiffrin (1987), verificou-se que o marcador discursivo *então* apresenta, no *corpus* investigado, dois usos: marcar as unidades mais importantes de um tópico em diferentes planos do discurso ou marcar sucessão de ideias ou de ações.

Palavras-chave: relações retóricas; marcador discursivo; então.

Introdução

A compreensão de textos depende, dentre outros fatores, do reconhecimento de relações implícitas que são estabelecidas entre as partes do texto. Essas relações, chamadas

¹ Este trabalho apresenta resultados de projeto financiado pela Fundação Araucária-PR, por meio de bolsa de Produtividade em Pesquisa (Convênio 939/2012 – Fundação Araucária – UEM).

² A pesquisadora recebeu bolsa da Capes para realização do trabalho cujos resultados são divulgados neste artigo.

proposições relacionais, relações discursivas, relações de coerência ou relações retóricas (TABOADA, 2009) permeiam todo o texto, desde as porções maiores até as relações estabelecidas entre duas orações, e ajudam a dar coerência ao texto, conferindo unidade e permitindo que o produtor atinja seus propósitos com o texto que produziu.

Um tratamento adequado a essa questão das relações de coerência é oferecido pela Teoria da Estrutura Retórica (*Rhetorical Structure Theory*, doravante RST), uma teoria descritiva que tem por objeto o estudo da organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem entre as partes do texto (MANN & THOMPSON, 1988; MATTHIESSEN & THOMPSON, 1988; MANN, MATTHIESSEN & THOMPSON, 1992). A RST parte do princípio de que as relações retóricas que se estabelecem no nível discursivo organizam desde a coerência dos textos até a combinação entre orações (MATTHIESSEN & THOMPSON, 1988).

Ao tratar das relações retóricas tanto no nível discursivo quanto no nível gramatical (combinação entre orações), a RST demonstra sua filiação à Linguística Funcional, um grupo de teorias que consideram essencial para o estudo da língua a função dos elementos linguísticos na comunicação (BUTLER, 2003; NEVES, 1997; NICHOLS, 1984). Mais especificamente, a RST foi desenvolvida no âmbito de outras duas vertentes funcionalistas: a Gramática Sistemico-Funcional de Halliday e o Funcionalismo da Costa-Oeste dos Estados Unidos (ANTONIO, 2009).

De acordo com a RST, as proposições relacionais surgem no texto independentemente de sinais específicos de sua existência: não há necessidade de inclusão, no texto, de elementos linguísticos que tenham por função indicar as relações estabelecidas (MANN & THOMPSON, 1988). No entanto, pesquisas têm sido realizadas no sentido de identificar os meios linguísticos utilizados pelos falantes como pistas que permitam a identificação das relações retóricas por parte dos destinatários. De acordo com Gómez-González e Taboada (2005) e Taboada (2009), alguns dos meios mais utilizados pelos falantes para marcar as relações são os conectivos e os marcadores discursivos (doravante MDs) que funcionam como *cuewords*, ou seja, são palavras que fornecem pistas para a identificação das relações estabelecidas.

Neste trabalho, pretende-se apresentar as relações retóricas sinalizadas pelo MD *então* em um *corpus* formado por elocuições formais do Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná (Funcpar).

1. Fundamentação teórica

1.1. Marcadores discursivos

Os MDs devem ser investigados no que diz respeito ao estabelecimento de relações entre orações e entre partes do texto. Embora seja difícil encontrar uma definição satisfatória para o que sejam os MDs, elementos como *então* e *agora* podem ser incluídos nessa categoria uma vez que são utilizados pelos falantes da língua não apenas como advérbios, mas também com função discursiva, sinalizando que há algum tipo de relação entre as porções de texto ligadas por eles. A conjunção *mas* também pode ser usada como marcador discursivo ao exercer função discursiva na retomada de tópicos ou em seu “uso retórico”, ou seja, iniciando uma pergunta retórica. No exemplo (1), retirado do *corpus* do Funcpar, observa-se o uso de

então pelo falante para anunciar o tópico discursivo, ou seja, o tema que será tratado durante a aula.

(1) **então** a gente vai trabalhar hoje .. e nos próximos/ .. amanhã també::m,
..nós vamos estar trabalhando a origem da vida e evolução,
..mas hoje nós vamos ver .. como surgiu a vida na Terra,
..dao::nde veio essa vida.

A questão da dificuldade de se encontrar uma definição para os MDs, segundo Taboada (2006), utilizando palavras de Fraser (1999, p. 32), está relacionada ao fato de o campo de estudo dos MDs ter se tornado “uma indústria em crescimento na Linguística”. Risso, Silva e Urbano (2006, p. 404) também fazem observação semelhante ao afirmarem que “Atesta-se, na sucessão das análises linguísticas, a tendência para a agregação contínua de novos exemplares ao conjunto dos marcadores, que vai se tornando, em decorrência, cada vez mais amorfo e heterogêneo”. No entanto, esses autores apresentam uma definição, ainda que ampla, dos MDs:

Trata-se de um amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada, envolvendo, no plano verbal, sons não lexicalizados, palavras, locuções e sintagmas mais desenvolvidos, aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem (RISSO, SILVA & URBANO, 2006, p. 403).

Essa definição foi elaborada após análise de dados de língua falada no português brasileiro (doravante PB), que permitiu aos pesquisadores a configuração de matrizes básicas de traços para a identificação de MDs prototípicos. Os traços são os seguintes (p. 420):

- são exteriores em relação aos conteúdos proposicionais;
- são independentes sintaticamente;
- não constituem enunciados completos por si próprios.

Embora apresentem esses traços comuns, os MDs não constituem, segundo Risso, Silva e Urbano (2006), uma classe homogênea. A diversidade de elementos que podem atuar como MDs (do ponto de vista da função, elementos gramaticais e elementos lexicais; do ponto de vista da constituição, desde sons não lexicalizados até perífrases, sintagmas) e o fato de elementos que não apresentam esses traços prototípicos poderem atuar como MDs sugerem uma classe gradiente, e não discreta.

É importante ressaltar que há dois traços que indicam duas funções diferentes que os MDs podem exercer: articulação tópica ou orientação da interação. Os do primeiro tipo são chamados basicamente sequenciadores, ao passo que os do segundo tipo são denominados basicamente interacionais.

Considerando que este trabalho está inserido no quadro teórico-metodológico da RST, teoria que investiga as relações que se estabelecem entre partes do texto, interessam-nos os MDs basicamente sequenciadores. Risso (2006, p. 427) conceitua esses MDs da seguinte maneira:

(...) conjunto de palavras ou locuções envolvidas no amarramento textual das porções de informação progressivamente liberadas ao longo do evento comunicativo e, simultaneamente, no encaminhamento de perspectivas assumidas em relação ao assunto, no ato interacional (RISSO, 2006, p. 427).

Pesquisadora de renome quando se trata de MDs, Schiffrin (1987) concebe o discurso não apenas como um nível de análise, mas como um processo de interação social; e define operacionalmente os MDs como “elementos sequencialmente dependentes que circunscrevem unidades de fala” (SCHIFFRIN, 1987, p. 31). Por dependência sequencial, a autora entende que os MDs são unidades que atuam no nível discursivo, e não em camadas mais baixas. Por isso, os MDs são independentes no que diz respeito à estrutura da sentença, uma vez que a remoção de um MD mantém essa estrutura intacta.

Da mesma forma que Risso, Silva e Urbano (2006), a autora destaca a variedade de classes de palavras que podem atuar como MDs: conjunções, interjeições, advérbios, expressões lexicalizadas etc. Baseando-se em um modelo discursivo com vários planos, que inclui o quadro de participação, o estatuto da informação, a estrutura ideacional, a estrutura de ação e a estrutura de troca, Schiffrin (1987) afirma que os MDs atuam em diferentes níveis do discurso para estabelecer relações entre enunciados pertencentes a um mesmo plano ou através de planos diferentes.

No modelo de Schiffrin (1987), a estrutura de trocas corresponde, grosso modo, aos turnos conversacionais. A estrutura de ação, considerada pragmática pela autora, se refere aos atos de fala realizados pelo falante. É uma estrutura porque ocorre em determinada ordem: há ações que precedem, a ação que é almejada pelo falante e as ações subsequentes. A estrutura ideacional, por sua vez, é semântica, e é composta por proposições ou, em outras palavras, ideias. O quadro de participação diz respeito às diferentes maneiras pelas quais falante e ouvinte podem se relacionar em se tratando de proposições, de atos de fala ou de turnos. Quando tratam de ideias, os falantes podem avaliá-las ou apresentá-las de forma neutra, podem estar compromissados com elas ou se distanciar delas; quando realizam ações, podem fazê-lo de forma direta ou indireta, por exemplo; no que diz respeito aos turnos, podem exigir seu turno, lutar pela posse do turno, abrir mão de seu turno etc. Por fim, o estatuto da informação é de natureza cognitiva e trata do conhecimento e do meta-conhecimento do falante e do ouvinte, bem como das suposições que falante e ouvinte fazem a respeito do conhecimento e do meta-conhecimento de seu interlocutor. O estatuto da informação muda constantemente, uma vez que a cada turno são feitas contribuições que alteram o conhecimento e o meta-conhecimento dos participantes do evento comunicativo. Em suma, no modelo de Schiffrin (1987), a coerência é resultado dos esforços conjuntos dos participantes para integrar o saber, o significar, o dizer e o fazer.

Assim como na visão da RST, Schiffrin (1987) destaca a relevância da investigação das conexões subjacentes entre proposições de um texto. Nas palavras da autora, “mecanismos de coesão não criam significado por si mesmos; são pistas utilizadas pelos falantes e pelos ouvintes para encontrar os significados subjacentes às estruturas superficiais”³ (SCHIFFRIN, 1987, p. 9). A atuação dos MDs, no entanto, não se aplica somente à coesão textual. Para a autora, os MDs também atuam garantindo coerência textual ao permitirem que

³ “Cohesive devices do not themselves create meaning; they are clues used by speakers and hearers to find the meanings which underlie surface utterances.” A tradução desta e de outras citações constantes neste trabalho são de nossa responsabilidade.

os participantes do evento comunicativo “construam e integrem múltiplos planos e dimensões de uma realidade emergente”⁴ (SCHIFFRIN, 1987, p. 330).

Schiffrin (1987) destaca três propriedades dos MDs:

- 1) aparente multifuncionalidade: podem ter vários usos simultâneos, porém isso reduz a possibilidade de intercâmbio entre marcadores;
- 2) não-obrigatoriedade: um enunciado iniciado com MD também pode ocorrer sem o marcador;
- 3) diversidade formal: elementos de várias classes podem atuar como MDs, tais como conjunções e advérbios.

1.2. O MD *então*

Risso (2006) considera o *então* um MD articulador de partes do texto atuante na “apresentação da informação e, portanto, no sequenciamento e estruturação interna de segmentos tópicos” (RISSO, 2006, p. 448). O MD *então* é anafórico, ou seja, atua sobre a porção anterior de fala, e não há restrição sobre a dimensão da porção de fala que pode escopar.

De acordo com Risso (2006), o advérbio *então*, além de atuar na frase expressando tempo, também atua como conectivo entre orações. O percurso de mudança que permite que o advérbio assuma também a função conectora se justifica pelo fato de sua indicação temporal retrospectiva assumir outros valores semânticos na língua em uso. A autora apresenta alguns desses valores: “linearidade entre orações e seqüencialidade temporal dos eventos referenciados” (RISSO, 2006, p. 452), “expressão de tempo e de ações motivadas entre si” (RISSO, 2006, p. 453), “representação lógico-semântica de decorrência, conclusão ou resultado” (RISSO, 2006, p. 454), “expressão de contraste entre alternativas excludentes” (RISSO, 2006, p. 455).

No âmbito textual, o MD *então* geralmente atua em porções mediais e finais de tópico, atuando no seu fecho com base nas informações da porção textual antecedente (RISSO, 2006). No entanto, há ocorrências nas quais esse MD é utilizado para iniciar um tópico.

Ainda segundo Risso (2006), o MD *então* pode atuar tanto na organização intratópica quanto intertópica. No primeiro caso, pode atuar no encaminhamento de tópico, no fecho de tópico e na retomada do tópico após inserção. No segundo caso, articula sucessivamente segmentos tópicos para a construção de um supertópico comum.

No PB, o marcador *então* realiza funções de dois marcadores do inglês: *so* e *then*. Em seu estudo a respeito dos MDs no inglês, Schiffrin (1987) afirma que *so* marca as unidades mais importantes de um tópico. Semanticamente, é um marcador de resultado (no caso de conexões entre eventos) e de conclusão (efeito de conexões inferenciais) que pode atuar tanto localmente (na microestrutura) como globalmente (na macroestrutura). Esse marcador pode ocorrer em três planos discursivos: na estrutura ideacional, no estado da informação e na estrutura da ação.

No primeiro caso, a relação é baseada em fatos e se estabelece entre unidades de ideia, mais precisamente entre eventos e estados codificados pelas unidades de ideia.

⁴ “(...) markers allow speakers to construct and integrate multiple planes and dimensions of an emergent reality.”

No segundo caso, a relação é baseada em conhecimento e se estabelece quando o falante tem como intenção que seu destinatário realize uma inferência. O conhecimento prévio é considerado por Schiffrin (1987) garantia, e as interpretações feitas a partir desse conhecimento prévio correspondem às inferências. Isso ocorre porque, segundo a autora, mesmo que os participantes iniciem o ato comunicativo com suposições a respeito da informação que compartilham, o estatuto do conhecimento e do meta-conhecimento a respeito da informação que é realmente compartilhada muda constantemente. Mesmo que as inferências sejam feitas a partir de eventos (narrativas, por exemplo), não são os fatos que causam factualmente o desfecho; na verdade, esses fatos servem como evidência para conclusões.

No terceiro caso, a ação se baseia em um ato de fala no qual o falante apresenta uma motivação para a realização do ato de fala.

Por fim, na estrutura da participação, segundo Schiffrin (1987), *so* funciona não apenas como um marcador de transição entre turnos de fala, mas anuncia uma conclusão, seja pelo fato de o falante estar pronto para tomar o turno de fala ou pelo fato de o falante estar explicando o que disse anteriormente.

O MD *then*, segundo Schiffrin (1987), é um marcador cujo significado dêitico influencia seu uso nos diversos planos discursivos. A autora trata como MD os usos do *then* com as seguintes características:

- 1) iniciando cláusula, independentemente de estar em unidade entonacional separada ou não;
- 2) seguindo outro marcador que inicia a cláusula;
- 3) em final de cláusula com função pragmática.

De acordo com Schiffrin (1987), um dos usos do MD *then* é indicar sucessão no tempo discursivo, entendido pela autora como “as relações temporais entre enunciados em um texto, isto é, a ordem em que um falante apresenta enunciados em um texto”⁵ (SCHIFFRIN, 1987, p. 229).

Nesse caso, o MD *then* marca a transição temporal entre eventos que se sucedem, assim como marca a sucessão de ideias e tópicos discursivos. Pode-se afirmar, portanto, que é utilizado para fazer referência ao tempo discursivo prévio como fonte de informação para o que será dito na sequência.

Eventos que se sucedem temporalmente correspondem, com frequência, a tópicos discursivos que também se sucedem. Dessa forma, pode-se afirmar que o MD *then* liga episódios que se sucedem no tempo real e tópicos (e também subtópicos) que se sucedem no tempo discursivo.

Outro uso apontado pela autora (*ibid.*) é indicar ações que se sucedem no tempo discursivo. Nesse caso, *then* marca um enunciado que apresenta uma ação motivada por alguma solicitação feita pelo interlocutor em enunciado anterior. O enunciado marcado por *then* pode trazer uma paráfrase, uma repetição, por exemplo, como forma de satisfazer a solicitação de confirmação por parte do interlocutor.

Schiffrin (1987) propõe um critério para distinção entre o advérbio *then* e o MD *then*. Quando o tempo discursivo espelha o tempo dos eventos, ou seja, quando *then* marca eventos

⁵ “Discourse time refers to the temporal relationships between utterances in a discourse, i.e. the order in which a speaker presents utterances in a discourse.”

que se sucedem, parece tratar-se de advérbio. Por outro lado, *then* é MD quando o tempo discursivo espelha algum outro tipo de relação de sucessão. No entanto, eventos que se sucedem podem atuar em outras estruturas discursivas, podendo haver isomorfismo entre tempo discursivo, tempo do evento e tempo da ideia.

1.3. RST

Como já foi dito anteriormente, a RST tem por objeto de estudo a organização dos textos, descrevendo as relações que se estabelecem entre as partes do texto. O pressuposto básico da RST é que, além do conteúdo proposicional explícito veiculado pelas orações de um texto, há proposições implícitas, as *proposições relacionais*, que emergem das relações que se estabelecem entre orações e entre porções de texto.

Para Mann e Thompson (1988), o fenômeno das proposições relacionais é *combinacional*, definido no âmbito textual, ou seja, as proposições relacionais são resultantes da combinação de partes do texto. Essas combinações podem ser estabelecidas tanto entre orações como entre porções maiores de texto. Outra observação importante diz respeito à natureza das relações. Quando duas porções de texto se relacionam, além do conteúdo proposicional expresso por cada uma das porções, há também um *conteúdo implícito*, a proposição relacional.

Os pressupostos teóricos nos quais a RST se baseia são os seguintes:

- a) os textos são formados por grupos organizados de orações que se relacionam hierarquicamente entre si de várias formas;
- b) as relações que se estabelecem entre as orações podem ser descritas com base na intenção comunicativa do enunciador e na avaliação que o enunciador faz do enunciatário, e refletem as escolhas do enunciador para organizar e apresentar os conceitos.

Uma lista de aproximadamente vinte e cinco relações foi estabelecida por Mann e Thompson (1988) após a análise de centenas de textos, por meio da RST. Essa lista não representa um rol fechado, mas um grupo de relações suficiente para descrever a maioria dos textos⁶.

No que diz respeito à organização, as relações podem ser de dois tipos:

- a) núcleo-satélite, nas quais uma porção do texto (satélite) é ancilar da outra (núcleo), como na figura 1 a seguir, em que um arco vai da porção que serve de subsídio para a porção que funciona como núcleo.
- b) multinucleares, nas quais uma porção do texto não é ancilar da outra, sendo cada porção um núcleo distinto, como na figura 2 a seguir.

⁶ Uma lista com as relações e suas definições pode ser encontrada no *site* <http://www.sfu.ca/rst/07portuguese/definitions.html>.



Figura 1 – Esquema de relação núcleo-satélite

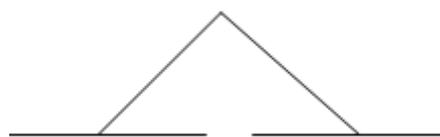


Figura 2 – Esquema de relação multinuclear

A estrutura retórica de um texto, representada por um diagrama arbóreo, é definida pelas redes de relações que se estabelecem entre porções de texto sucessivamente maiores. Segundo Mann e Thompson (1988), a estrutura retórica é funcional, pois leva em conta como o texto produz um efeito sobre o enunciatário, ou seja, toma como base as funções que as porções do texto assumem para que o texto atinja o objetivo global para o qual foi produzido.

No diagrama 1, observa-se um exemplo da formalização de uma análise textual por meio da RST. Nesse exemplo⁷, após iniciar a explicação acerca do que deveria conter o relatório (unidade 1⁸), o professor faz uma inserção parentética (relação parentética) em que tece alguns comentários sobre a atividade a ser realizada pela turma (unidades 2 a 5). Após a inserção, o professor retoma a explicação a respeito do conteúdo do relatório e para isso utiliza o MD *então* (unidade 6, relação multinuclear de retomada), que atua como um elo, conectando as porções separadas. Da unidade 7 em diante, o professor desenvolve o tópico “folha de rosto” (relação de elaboração). Por se tratar de uma porção textual muito extensa que não caberia no diagrama, utilizou-se o símbolo Δ para representar o satélite que elabora esse tópico.

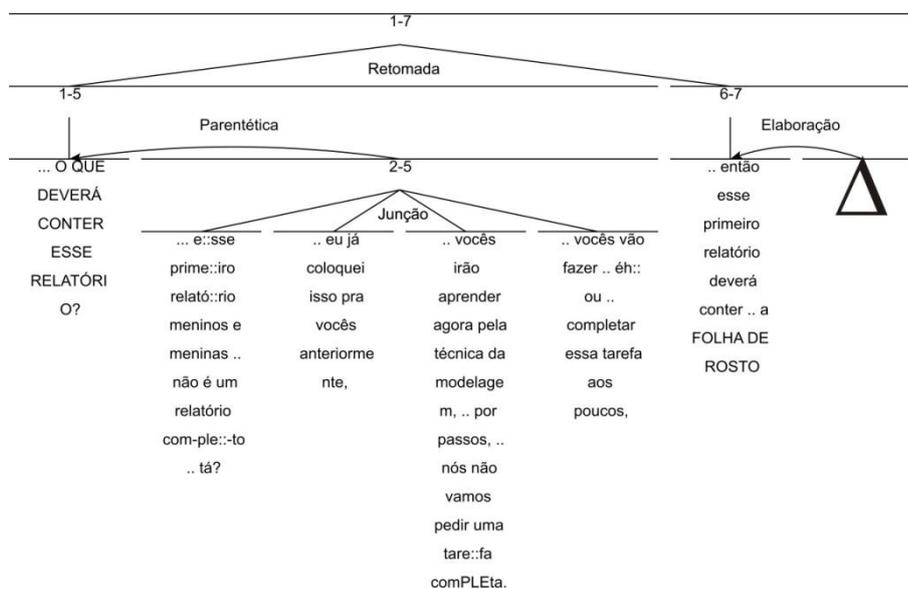


Diagrama 1 – Exemplo de formalização de análise textual por meio da RST

⁷ O exemplo do diagrama 1 foi retirado de uma elocução formal do tipo aula pertencente ao *corpus* do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/ Noroeste do Paraná).

⁸ Nos diagramas deste trabalho, os números das unidades não correspondem à numeração sequencial em que essas unidades ocorrem nos textos dos quais foram retiradas. A numeração corresponde, na realidade, apenas às unidades que compõem o trecho utilizado como exemplo.

2. Metodologia

O *corpus* desta pesquisa é constituído de 5 elocuições formais que fazem parte do *corpus* do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/ Noroeste do Paraná) e sua coleta seguiu alguns critérios.

Os informantes da pesquisa são professores e alunos universitários de Maringá (PR) que nasceram na cidade ou residem nela há mais de 10 anos. As gravações foram feitas durante aulas de graduação, motivo pelo qual se espera formalidade nos textos. Outras características que devem ser destacadas nesses textos são os papéis e a posse do turno fixados previamente (KOCH & SOUZA e SILVA, 1996). Por isso, há poucas marcas de interação, o professor em geral responde a perguntas feitas pelos alunos. Esses textos também têm um início bem marcado com a apresentação dos objetivos da aula ou do trabalho, bem como um encerramento no qual os objetivos da aula seguinte são antecipados.

As aulas foram transcritas alfabeticamente, seguindo um padrão baseado nas normas do projeto NURC (PRETI, 1993: 11-12) com algumas adaptações e segmentadas em unidades de entonação. Segundo Chafe (1985), a fala espontânea não é produzida em um fluxo contínuo, mas em uma série de breves jorros que expressam a informação que está sendo focalizada pela consciência no momento da enunciação. Esses jorros são chamados por Chafe (1985) de unidades de entonação.

3. Análise dos dados

Tomando-se como base os critérios utilizados por Schiffrin (1987) (cf. seções 1.1 e 1.2), elaborou-se, a partir das ocorrências do *corpus*, o quadro a seguir com os usos do MD *então* e as relações estabelecidas por esse MD em cada plano do discurso e para cada uso.

Usos do MD <i>então</i>	Marca unidades mais importantes de um tópico				Marca sucessão	
	Ideacional	Informativo	Ação	Estrutura de participação	Sucessão de ideias	Sucessão de ações
Planos do discurso em que o MD <i>então</i> atua						
Explicação dos usos do MD <i>então</i> nos planos do discurso em que atua	Marca resultados de eventos, de estados, no nível ideacional.	Marca conclusão, a informação é tomada como garantia para a inferência.	Marca motivação para realização de um ato-de-fala.	Marca retomada de tópico.	Liga episódios, tópicos.	Marca repetição, paráfrase, resposta.
Relações sinalizadas pelo MD <i>então</i>	Elaboração, Resultado, Contraste	Conclusão, Interpretação, Avaliação	Preparação, Motivação	Retomada, Parentética	Sequência	Solução, Resumo, Reformulação, Reafirmação multinuclear

Quadro 1 – Parâmetros de análise do MD *então*

O primeiro passo da análise é verificar se o MD *então* marca unidades mais importantes de um tópico ou se marca sucessão. Caso marque unidades mais importantes do tópico, o próximo passo é verificar em que nível ele atua: no nível dos eventos (ideacional),

sinalizando relações de elaboração, resultado ou contraste; no nível das proposições (informativo), sinalizando relações de conclusão, interpretação ou avaliação; no nível dos atos de fala (ação), sinalizando relações de preparação ou de motivação; no nível da estruturação tópica, sinalizando relações de retomada ou parentética. Caso indique sucessão, o próximo passo é verificar se o *então* marca sucessão de ideias, sinalizando a relação de sequência, ou se marca sucessão de ações, sinalizando as relações de solução, resumo, reformulação ou reafirmação multinuclear.

As relações sinalizadas pelo MD *então* são apresentadas nas seções a seguir.

3.1. Relações em que o MD *então* marca unidades mais importantes

3.1.1. No nível ideacional

3.1.1.1. Relação de elaboração

De acordo com Mann e Taboada (2010), ao utilizar a relação de elaboração, a intenção do falante é acrescentar informações ao conteúdo do núcleo por meio do conteúdo do satélite. No *corpus*, foram encontradas 7 ocorrências dessa relação na macroestrutura (cf. diagrama 2) e 53 ocorrências na microestrutura⁹ (cf. diagrama 3).

No diagrama 2, observa-se um exemplo do MD *então* sinalizando a relação de elaboração na microestrutura. No diagrama 3, por outro lado, observa-se um exemplo desse MD atuando na macroestrutura.



Diagrama 2 – MD *então* sinalizando relação de elaboração na macroestrutura

Em níveis mais altos da hierarquia textual, a relação de elaboração é frequentemente utilizada no texto para desenvolver tópicos discursivos, organizando as informações da aula. No diagrama 2, o professor está resumindo alguns textos que tratam do tema da aula. Após ter apresentado uma parte desses textos, o professor afirma que existem mais textos a serem discutidos (unidade 1). Essa afirmação dá início a um novo tópico na estrutura da aula,

⁹ Por macroestrutura e microestrutura entende-se, neste trabalho, que o MD *então* atua, respectivamente, em nível global e em nível local.

sinalizado pelo MD *então* (unidade 2), na qual o professor inicia a descrição do primeiro dos textos.

No diagrama 3, o professor utiliza a relação de elaboração para acrescentar detalhes localmente ao conteúdo do núcleo, ou seja, o professor explica, no satélite (unidades 2 a 4), o que entende por “criar boi solto” (unidade 1).

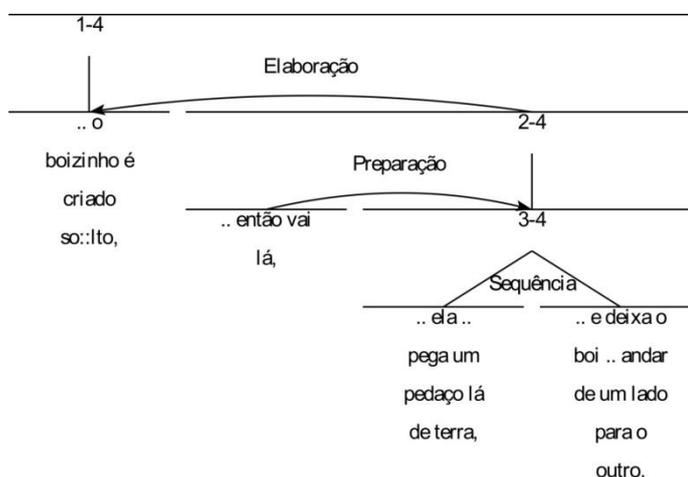


Diagrama 3 – MD *então* sinalizando relação de elaboração na microestrutura

3.1.1.2. Relação de resultado

O efeito pretendido pelo falante ao utilizar a relação de resultado é indicar que o evento contido no núcleo causou o evento contido no satélite (MANN & TABOADA, 2010). No *corpus* deste trabalho, foram encontradas 36 ocorrências da relação de resultado sinalizadas pelo MD *então*, todas na microestrutura. Ao ser utilizado nessa relação, o MD *então* assume uma função semântica consecutiva, relacionando porções no nível factual, concreto, como pode ser observado no diagrama 4. Na unidade 1, o professor fornece uma informação necessária para a compreensão do evento que será mencionado no núcleo, utilizando, para isso, a relação de fundo. Dessa forma, o fato mencionado nas unidades 1 e 2 (a lona não segura a água da chuva e a casa de determinada pessoa fica alagada) é responsável pelo fato na unidade 3, isto é, a cama dessa pessoa tem que ficar apoiada em três tijolos para que não seja alcançada pela água da chuva.

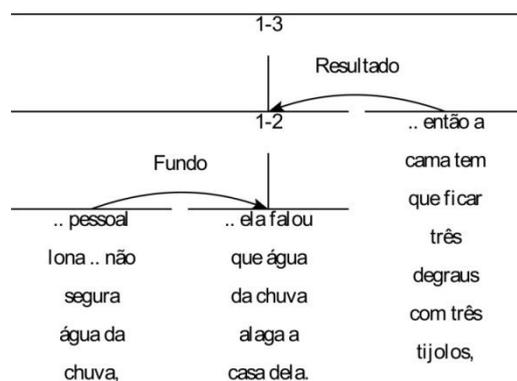
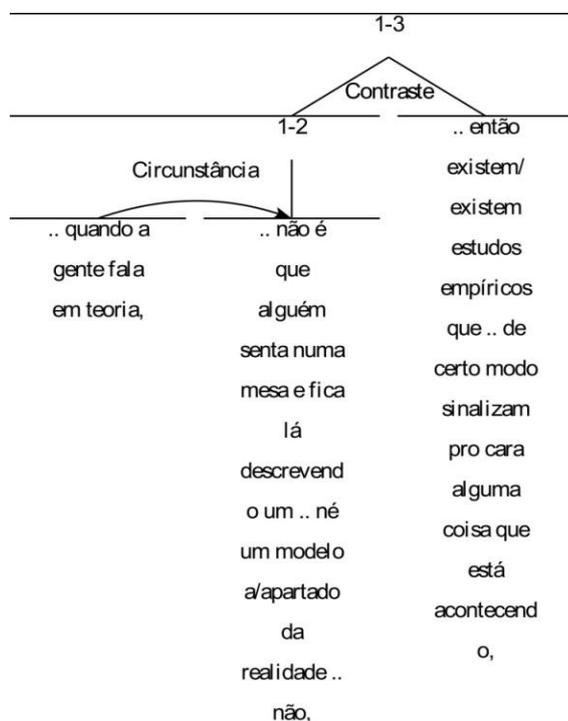


Diagrama 4 – MD *então* sinalizando relação de resultado

3.1.1.3. Relação de contraste

A relação de contraste é uma relação multinuclear utilizada pelo falante para demonstrar que as situações nos núcleos são comparáveis em alguns aspectos, mas diferentes em outros, ou seja, o falante deseja que seu destinatário reconheça as diferenças entre os núcleos (MANN & TABOADA, 2010). Encontrou-se uma ocorrência dessa relação no *corpus*, como pode ser observado no diagrama 5. Na unidade 1, o professor apresenta a moldura na qual o conteúdo da unidade 2 deve ser interpretado (relação de circunstância). A comparação é realizada entre os conteúdos das unidades 1-2 e 3. Em 1-2, o modelo de teoria é um modelo apartado da realidade, sem aplicação prática. Esse modelo é contrastado com o modelo empírico apresentado na unidade 3 e a relação de contraste é sinalizada pelo MD *então*.



3.2.2. No nível das proposições

3.2.2.1. Relação de conclusão

A relação de conclusão, que não faz parte do rol de relações clássicas da RST (MANN & THOMPSON, 1988), foi definida por Carlson e Marcu (2001). Ao utilizar essa relação, o professor tem como intenção que os alunos reconheçam que o conteúdo do satélite é uma declaração final a respeito do núcleo. Essa relação é a que apresenta maior número de ocorrências no *corpus* (63 ocorrências). É nossa hipótese que isso ocorre porque os professores utilizam, ao longo das aulas, porções textuais nas quais predomina o raciocínio lógico, ou seja, conclusões emergem de premissas apresentadas pelos professores, como ocorre no exemplo do diagrama 6, em que o professor leva os alunos a conclusão de que há necessidade de se fazer uma suspensão. As premissas são apresentadas nas unidades de 1 a 4. Na unidade 1, o professor afirma que determinado elemento é insolúvel. Essa informação é parafraseada na unidade 2. Nas unidades 3 e 4, o professor acrescenta informações para explicar por que esse elemento é insolúvel. A porção textual formada pelas unidades 3 e 4 é caracterizada pela relação de contraste, sinalizada pelo conectivo *e*.

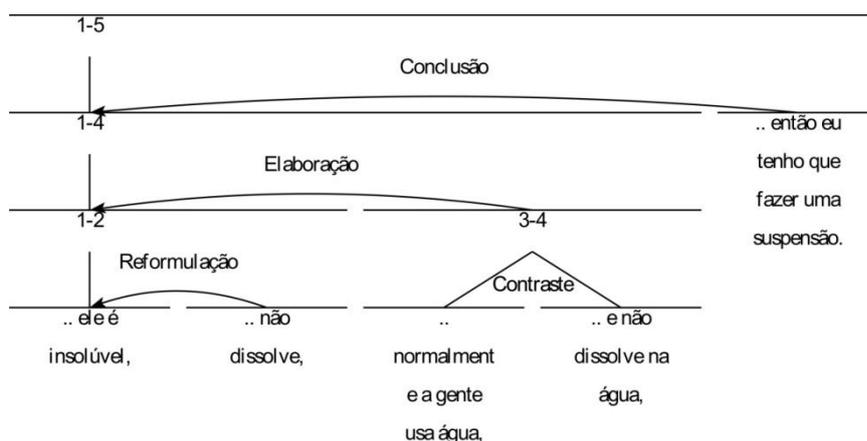


Diagrama 6 – MD *então* sinalizando relação de conclusão

3.2.2.2. Relação de interpretação

De acordo com Carlson e Marcu (2001), na relação de interpretação, uma das porções textuais traz uma explicação de algum conteúdo que não esteja completamente claro ou explícito, uma explicação da motivação de ações que estejam presentes na outra porção ou ainda uma apreciação da situação da outra porção à luz das crenças, dos interesses individuais do falante. Foram encontradas 44 ocorrências dessa relação no *corpus*. É nossa hipótese que essa alta frequência seja motivada pelo fato de os professores, durante as aulas, apresentarem o conteúdo e o explicarem para facilitar a compreensão por parte dos alunos.

No diagrama 7, a porção textual formada pelas unidades 3-4, iniciada pelo MD *então*, apresenta uma interpretação a respeito do conteúdo do núcleo (unidades 1-2). Na unidade 1, o professor apresenta uma informação que considera necessária para a compreensão do conteúdo, ou seja, que, de acordo com a teoria da abiogênese, acreditava-se que as larvas surgiam da carne. Nas unidades 3-4, o professor explica como os adeptos da teoria da abiogênese acreditavam que essa transformação acontecia.

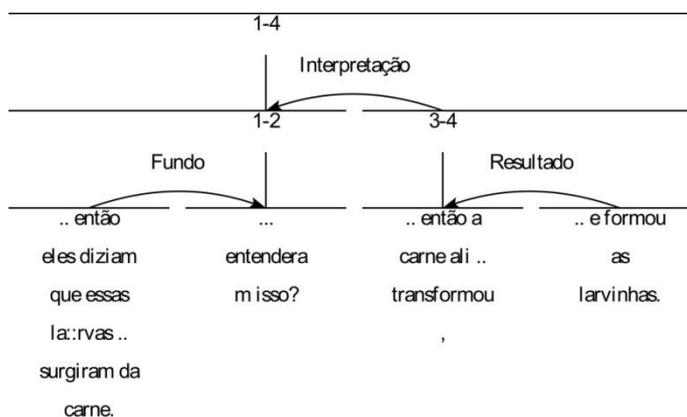
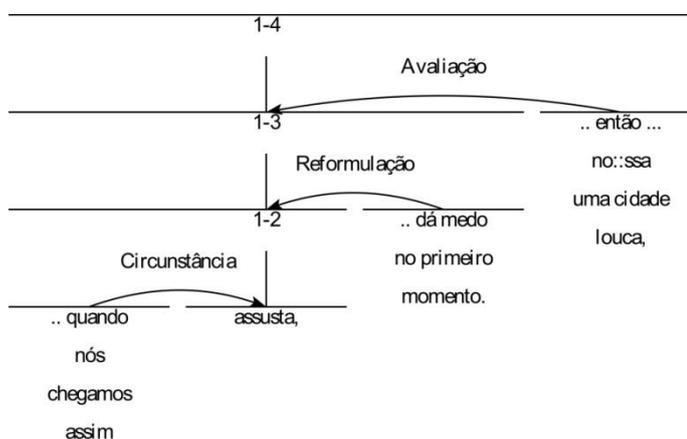


Diagrama 7 – MD *então* sinalizando relação de interpretação

3.2.2.3. Relação de avaliação

De acordo com Carlson e Marcu (2001), na relação de avaliação, em uma das porções textuais, o falante avalia o conteúdo presente na outra porção. Essa avaliação pode estar relacionada a uma escala de valores (bom/mau, bem/mal, por exemplo). Encontraram-se seis ocorrências dessa relação no *corpus*.

No diagrama 8, o satélite (unidade 4), iniciado pelo MD *então*, apresenta uma avaliação a respeito do conteúdo do núcleo (unidades 1-3). Nas unidades 1, por meio da relação de circunstância, o professor apresenta a moldura na qual o conteúdo do núcleo (unidade 2) deve ser interpretado. Na unidade 3, o professor reformula essa afirmação inicial.

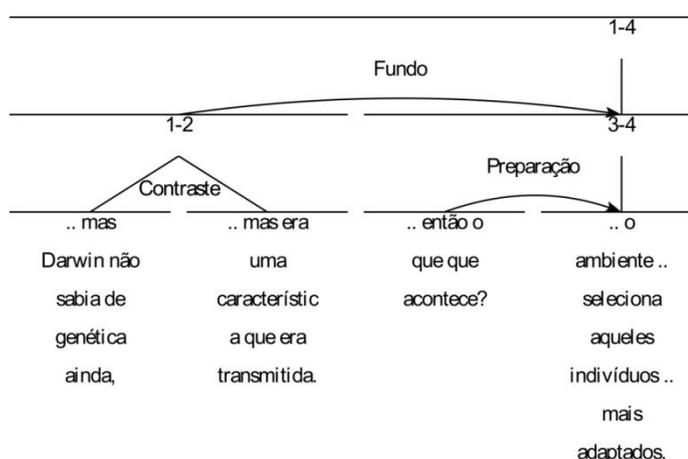


3.2.3. No nível dos atos de fala

3.2.3.1. Relação de preparação

Na relação de preparação, o falante utiliza o conteúdo do satélite para tornar seu destinatário mais preparado ou mais interessado no conteúdo do núcleo (MANN & TABOADA, 2010). Foram encontradas 6 ocorrências dessa relação na macroestrutura e 10 na microestrutura das aulas do *corpus*.

No diagrama 9, apresenta-se uma ocorrência dessa relação na microestrutura. As unidades 1-2 formam uma porção textual que apresenta informações consideradas pelo professor essenciais para a compreensão do conteúdo do núcleo (unidades 3-4). A informação mais importante (o ambiente seleciona os indivíduos mais adaptados) é precedida de uma pergunta retórica (FÁVERO, ANDRADE & AQUINO, 2006) na unidade 3, iniciada pelo MD *então*. Na visão da RST, as perguntas retóricas sinalizam a relação de preparação, uma vez que a intenção do falante não é obter uma resposta, mas chamar a atenção do destinatário para o conteúdo do núcleo (ANTONIO & TAKAHASHI-BARBOSA, 2012).



Na macroestrutura, a relação de preparação tem a função de iniciar segmentos tópicos, como pode ser observado no diagrama 10, em que a aula é iniciada pela unidade 1, na qual se anuncia o supertópico da aula em questão e também das próximas aulas. A unidade 1 e, conseqüentemente, a aula são iniciadas pelo MD *então*. Segundo Risso (2006), o uso do *então* na abertura de encontro entre interlocutores configura a característica anafórica do item. Nesse tipo de construção, a retroação se dá fora da superfície do texto em curso, apoiada nos conhecimentos partilhados, na convivência, nos acontecimentos, na cumplicidade entre interlocutores. Sendo assim, a abertura da aula por meio do MD *então* pode ser justificada pela relação de cumplicidade e pelos conhecimentos partilhados por professor e alunos no cotidiano em sala de aula. O MD *então* estaria, no caso do exemplo apresentado, estabelecendo uma relação com as aulas anteriores e preparando a turma para a aula que se seguiria.



Diagrama 10 – MD *então* sinalizando relação de preparação na macroestrutura

3.2.3.2. Relação de motivação

A relação de motivação é utilizada quando o falante deseja que seu destinatário realize a ação presente no núcleo. O conteúdo do satélite deve aumentar o desejo do destinatário de realizar a ação presente no núcleo (MANN & TABOADA, 2010). Foram encontradas 45 ocorrências dessa relação no *corpus*. É nossa hipótese que esse grande número de ocorrências seja motivado pelo fato de os professores procurarem levar os alunos à realização de determinadas ações, como pode ser observado no diagrama 11. No satélite (unidades 1-6), o professor menciona um assunto comum no vestibular e apresenta como esse assunto é solicitado nas provas de ingresso às universidades, esperando que isso leve os alunos a “dar uma olhada” (estudar) nesse assunto (unidade 7). A unidade 7, que é o núcleo, é iniciada pelo MD *então*.

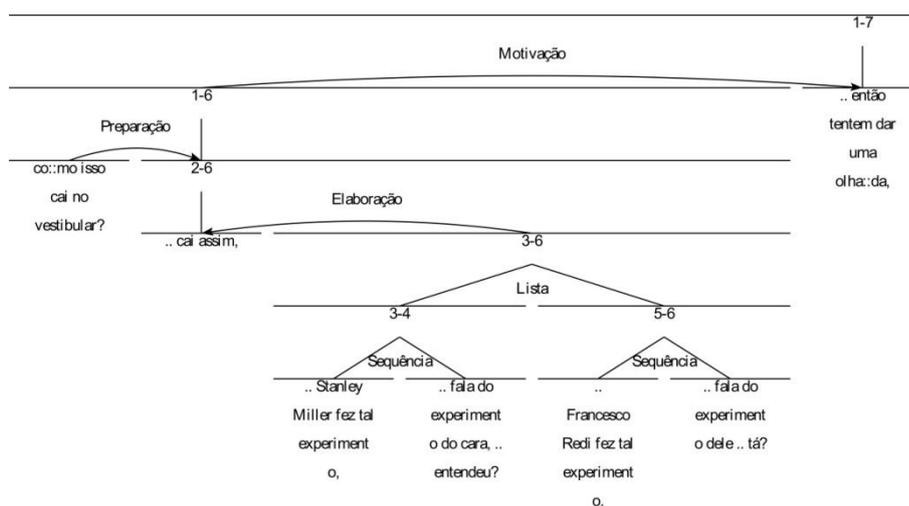


Diagrama 11 – MD *então* sinalizando relação de motivação

3.2.4. No nível da estruturação tópica

3.2.4.1. Relação de retomada

A relação de retomada não faz parte do rol clássico de relações da RST (MANN & THOMPSON, 1988). Neste trabalho, utiliza-se a relação *same-unit*, definida por Carlson e Marcu (2001) como base para a definição da relação de retomada: o destinatário reconhece que as informações apresentadas constituem uma única proposição; separadas não fazem sentido. Para Carlson e Marcu (2001), a relação *same-unit* liga porções textuais separadas por uma porção com função apositiva ou parentética. É o que ocorre no diagrama 12, em que, na unidade 6, iniciada pelo MD *então*, o tópico da aula (unidade 1) é retomado após uma inserção parentética (unidades 2-5). Da unidade 7 em diante, o tópico é desenvolvido¹⁰. De acordo com Risso (2006), uma das funções do MD *então* é exatamente essa:

A direção anafórica do marcador deixa, nessas circunstâncias, de retroagir diretamente para a porção discursiva imediatamente contígua e precedente e passa a instrução para que o interlocutor reate os elos com uma sequência textual anterior pouco mais distante, temporariamente suspensa pela interposição do segmento inserido (RISSO, 2006, p. 461).

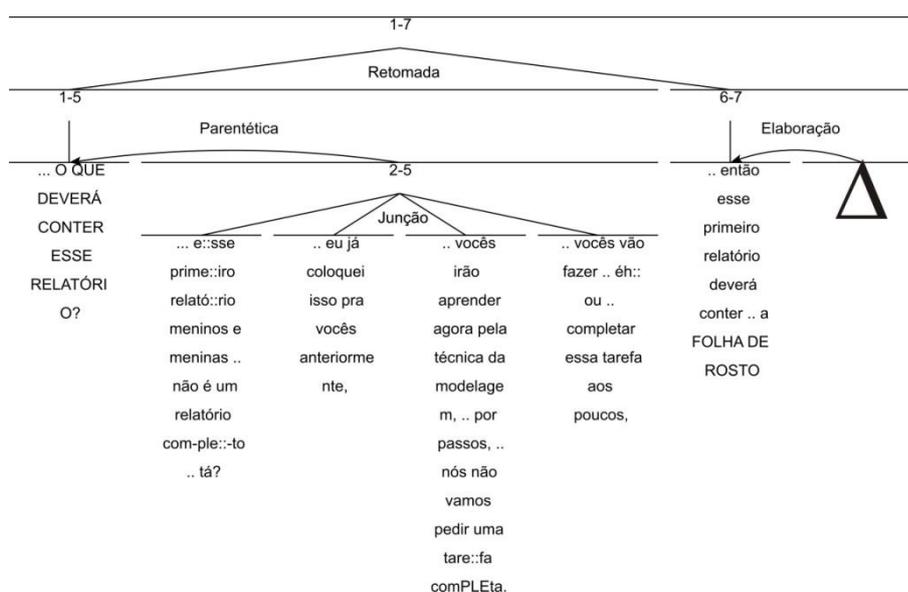


Diagrama 12 – MD *então* sinalizando relação de retomada

3.2.4.2. Relação parentética

Embora não faça parte do rol clássico de relações da RST (MANN & THOMPSON, 1988), a relação parentética foi definida por Pardo (2005) como indicando a existência de uma

¹⁰ Utiliza-se o símbolo Δ para representar a porção responsável por esse desenvolvimento, uma vez que, devido à extensão, essa porção textual não caberia neste trabalho.

informação extra que não pertence ao corpo do texto. A porção que constitui o satélite é a inserção propriamente dita, que se liga à porção nuclear, constituída pela porção anterior, interrompida. O *corpus* apresenta 3 ocorrências de inserções parentéticas introduzidas pelo MD *então*, como no diagrama 13. Na unidade 2, o professor interrompe o tópico que vinha desenvolvendo para explicar um conceito mencionado na unidade 1 (países periféricos, subdesenvolvidos, de terceiro mundo). O tópico é retomado na unidade 3, também iniciada pelo MD *então*.

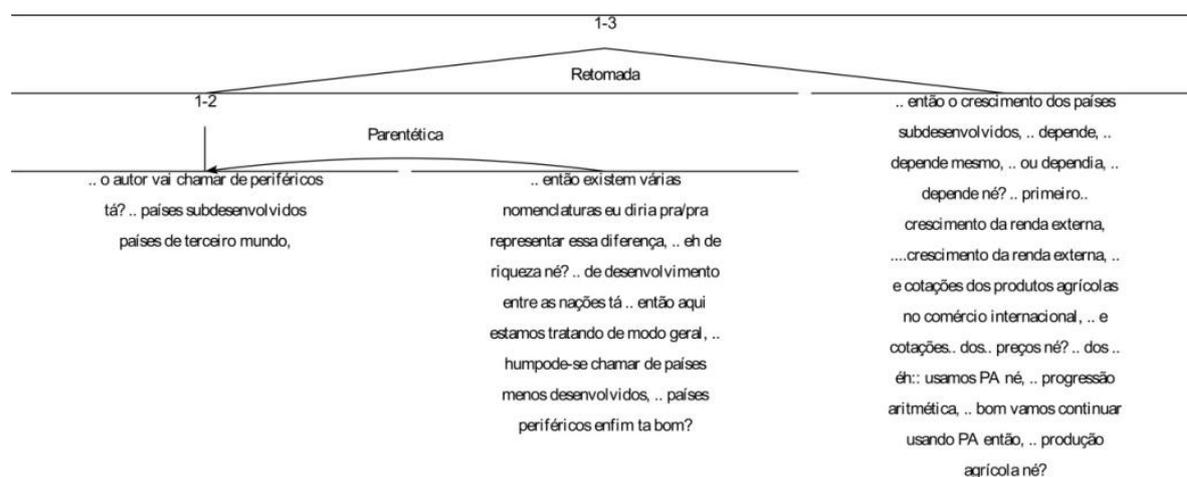


Diagrama 13 – MD *então* sinalizando relação parentética

3.3. Relações em que o MD *então* indica sucessão

3.3.1. Sucessão de ideias

3.3.1.1. Relação de sequência

A relação de sequência é definida por Mann e Thompson (1988) como uma relação de sucessão entre as situações apresentadas nos núcleos. O uso do MD *então* sinalizando a relação de sequência, estabelecendo sucessão, pode levá-lo a ser confundido com o advérbio *então*. Conforme Schiffrin (1987), quando o tempo discursivo espelha o tempo dos eventos, trata-se de advérbio. Deve-se observar, no entanto, que eventos que se sucedem podem atuar em outras estruturas discursivas, podendo haver isomorfismo entre tempo discursivo, tempo do evento e tempo da ideia. Foram encontradas no *corpus* cinco ocorrências da relação de sequência marcadas pelo *então*.

No diagrama 14, o professor descreve uma sequência de ações que deve ser seguida pelos alunos. A relação existente entre essas ações é assimétrica, não havendo a possibilidade de alterar a ordem das ações sem prejudicar o sentido. A assimetria é uma característica básica da relação de sequência. Para os casos em que a ordem das porções pode ser invertida sem que haja perda de sentido, a RST estabelece uma outra relação: a de lista. Essa relação não foi encontrada no *corpus* marcada pelo MD *então*. Isso permite a inferência de que, por se

tratar de um item que apresenta uma tendência estabilizadora definida pela recorrência do item em estruturas sintático-semânticas de expressão temporal (RISSO, 2006), o item em discussão neste trabalho não estabelece relação retórica de lista.



Diagrama 14 – MD *então* sinalizando relação de sequência

3.3.2. Sucessão de ações

3.3.2.1. Relação de solução

Na relação de solução, um problema é apresentado no satélite, ao passo que a solução para esse problema é apresentada no núcleo (MANN & TABOADA, 2010). Na RST, o par dialógico pergunta-resposta sinaliza essa relação. Considerando-se o caráter assimétrico da posse dos turnos de fala nas elocuições formais que constituem o *corpus*, em poucos momentos das aulas houve alguma interação por parte dos alunos. Dessa forma, foram encontradas apenas 3 ocorrências da relação de solução sinalizadas pelo MD *então*. Uma dessas ocorrências é representada no diagrama 15, em que o aluno elabora uma pergunta (unidade 1), que é respondida pelo professor (unidade 2).

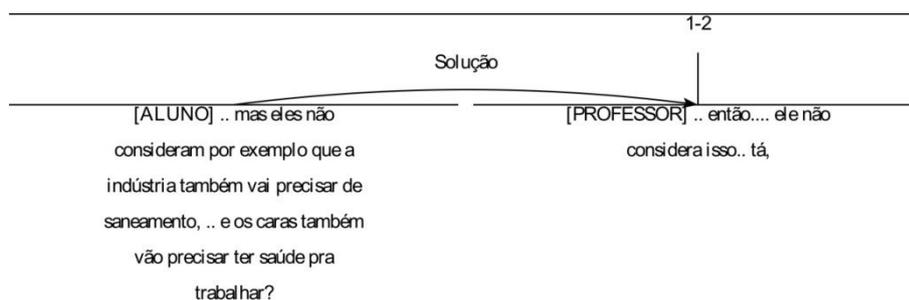


Diagrama 15 – MD *então* sinalizando relação de solução

3.3.2.2. Relação de resumo

Na relação de resumo, o satélite traz uma reformulação abreviada do conteúdo do núcleo (MANN & TABOADA, 2010). Essa relação é recorrente no *corpus* (51 ocorrências), uma vez que os professores utilizam o resumo para retomar as informações apresentadas reafirmando-as de maneira resumida e, ao mesmo tempo, destacando para os alunos, seus enunciadários, a importância da informação. No diagrama 16, o professor resume, na unidade 2, o que foi explicado na unidade 1, ou seja, que formulações extemporâneas têm prazo de validade curto.

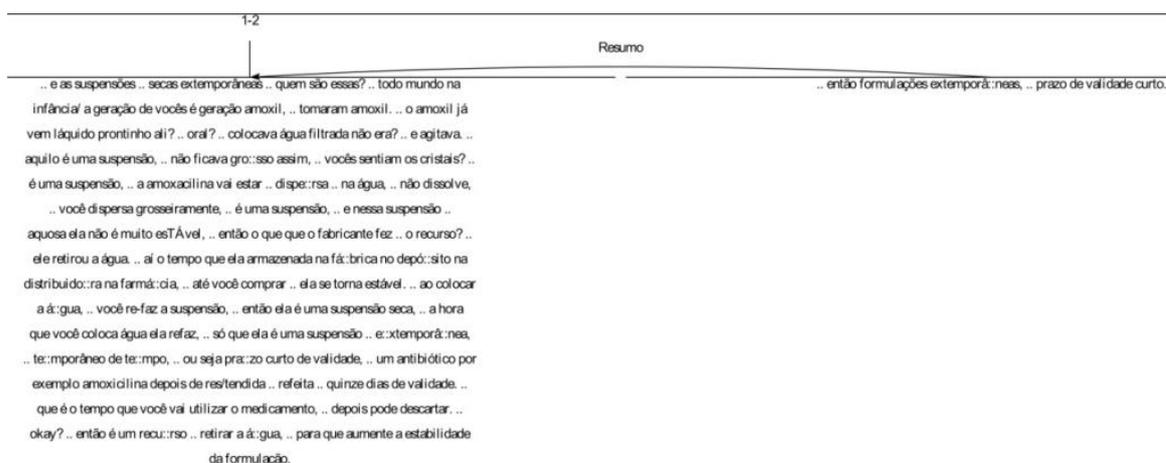


Diagrama 16 – MD *então* sinalizando relação de resumo

Para facilitar a leitura das porções textuais do diagrama 16, apresenta-se, a seguir, a transcrição dos trechos:

Núcleo

.. e as suspensões .. secas extemporâneas .. quem são essas?
.. todo mundo na infância/ a geração de vocês é geração amoxicil,
.. tomaram amoxicil.
.. o amoxicil já vem láquido prontinho ali?
.. oral?
.. colocava água filtrada não era?
.. e agitava.
.. aquilo é uma suspensão,
.. não ficava grosso assim,
.. vocês sentiam os cristais?
.. é uma suspensão,
.. a amoxicilina vai estar .. dispersa .. na água,
.. não dissolve,
.. você dispersa grosseiramente,
.. é uma suspensão,
.. e nessa suspensão .. aquosa ela não é muito estável,

.. então o que que o fabricante fez .. o recurso?
.. ele retirou a água.
.. aí o tempo que ela armazenada na fá::brica no depó::sito na distribuido::ra na farmá::cia,
.. até você comprar .. ela se torna estável.
.. ao colocar a á::gua,
.. você re-faz a suspensão,
.. então ela é uma suspensão seca,
.. a hora que você coloca água ela refaz,
.. só que ela é uma suspensão .. e::xtemporâ::nea,
.. te::mporâneo de te::mpo,
.. ou seja pra::zo curto de validade,
.. um antibiótico por exemplo amoxicilina depois de res/tendida .. refeita .. quinze dias de validade.
.. que é o tempo que você vai utilizar o medicamento,
.. depois pode descartar.
.. okay?
.. então é um recu::rso
.. retirar a á::gua,
.. para que aumente a estabilidade da formulação.

Satélite

.. então formulações extemporâ::neas,
.. prazo de validade curto.

3.3.2.3. Relação de reformulação

Na relação de reformulação, o satélite apresenta uma reformulação do conteúdo do núcleo (MANN & TABOADA, 2010). De acordo com Antonio e Cassim (2012), em textos falados, a reformulação é realizada por meio do fenômeno da paráfrase, no qual o falante usa o discurso anterior como matriz para o novo enunciado. Conforme Hilgert (2006), o parafraseamento é uma “estratégia de construção textual que se situa entre as atividades de reformulação, por meio das quais novos enunciados remetem, no curso da fala, a enunciados anteriores, modificando-os total ou parcialmente” (HILGERT, 2006, p. 275). Ainda segundo esse autor, por meio do parafraseamento, o falante retoma o que considera importante para a compreensão do seu discurso. Foram encontradas 7 ocorrências da relação de reformulação marcadas pelo MD *então* no *corpus*. No diagrama 17, o conteúdo do satélite (“ligações por aminoácidos são as ligações peptídicas” – unidade 2) introduzido pelo MD *então* é uma reformulação do conteúdo do núcleo (“ligações peptídicas são ligações feitas entre dois aminoácidos para formar proteínas” – unidade 1).

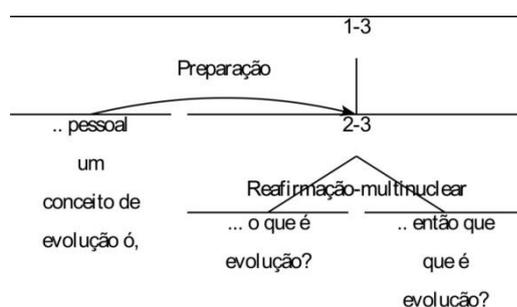


Diagrama 17 – MD *então* sinalizando relação de reformulação

3.3.2.4. Relação de reafirmação multinuclear

Na relação de reafirmação multinuclear, ocorre a repetição de elementos de mesmo valor do ponto de vista do falante (MANN & TABOADA, 2010). Segundo Antonio e Cassim (2012), em textos falados, a reafirmação multinuclear é realizada por meio do fenômeno da repetição. De acordo com Marcuschi (2006), embora possa parecer que a repetição poderia prejudicar a progressão tópica, esse fenômeno na realidade atua sobre a coesão e a continuidade tópica. Castilho (1998) afirma que o falante escolhe utilizar essa estratégia por uma questão pragmática, considerando necessário retomar algo para ser entendido pelo outro.

Para a RST, a diferença entre reformulação (que é uma relação núcleo-satélite) e reafirmação multinuclear é que nesta não se focaliza nenhuma das porções textuais repetidas, ou seja, todos os núcleos têm o mesmo estatuto (MANN & TABOADA, 2010). Na relação de reformulação, o conteúdo de um dos núcleos é mais central para os propósitos do falante, que explica esse conteúdo em outras palavras por meio do parafraseamento. No *corpus*, foram encontradas 27 ocorrências da relação de reafirmação multinuclear marcadas pelo MD *então*. O uso do MD é justificável pela sua característica retomadora (RISSO, 2006), válida ao estabelecer uma relação anafórica entre os termos relacionados, retomando o enunciado anterior para repeti-lo. No diagrama 18, observa-se que a pergunta “o que é evolução?” (unidade 2) é repetida na unidade 3 sendo introduzida pelo MD *então*.



Conclusão

Este trabalho teve como objetivo apresentar as relações retóricas sinalizadas pelo MD *então* em um *corpus* formado por elocuições formais (aulas de curso superior) do Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/Noroeste do Paraná (Funcpar). O aparato teórico-metodológico utilizado foi da RST, teoria funcionalista que estuda a organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem entre as partes do texto.

Tomando-se como base os critérios utilizados por Schiffrin (1987) (cf. seções 1.1 e 1.2), verificou-se que o MD *então* apresenta, no *corpus* investigado, dois usos: marcar as unidades mais importantes de um tópico ou marcar sucessão.

Ao marcar unidades mais importantes de um tópico, o MD *então* pode atuar em diferentes planos do discurso: no nível dos eventos (ideacional), sinalizando relações de elaboração, resultado ou contraste; no nível das proposições (informativo), sinalizando relações de conclusão, interpretação ou avaliação; no nível dos atos de fala (ação), sinalizando relações de preparação ou de motivação; no nível da estruturação tópica, sinalizando relações de retomada ou parentética.

Ao marcar sucessão, o MD *então* pode indicar sucessão de ideias, sinalizando a relação de sequência, ou indicar sucessão de ações, sinalizando as relações de solução, resumo, reformulação ou reafirmação multinuclear.

Rhetorical relations signaled by the discourse marker *então* in formal speech

ABSTRACT: The aim of this paper is to present the rhetorical relations signaled by the discourse marker *então* in formal speech (undergraduate classes). The analysis is based on *Rhetorical Structure Theory* (RST), a functional theory which investigates discourse organization, describing the relations held between text spans. Based on Schiffrin's (1987) criteria to characterize discourse markers, it was possible to verify that the discourse marker *então* has two uses in the *corpus* analysed: to signal the most important units of a topic in different planes of discourse or to signal succession of ideas or actions.

Keywords: rhetorical relations; discourse marker; *então*.

Referências

ANTONIO, J. D. O texto como objeto de estudo na Linguística Funcional. In: _____ & NAVARRO, P. *O texto como objeto de ensino, de descrição lingüística e de análise textual e discursiva*. Maringá: Eduem, 2009. p. 61-80.

ANTONIO, J. D.; CASSIM, F. T. R. Coherence relations in academic spoken discourse. *Linguística LII: Le Discours Parlé*, p. 323-336, 2012.

ANTONIO, J. D.; TAKAHASHI-BARBOSA, C. Relações retóricas estabelecidas por perguntas e respostas em elocuições formais. *Todas as letras* 14(2), 186-197, 2012.

BUTLER, C.S. *Structure and function: a guide to three major structural-functional theories*. Part 1: approaches to the simple clause. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2003.

CARLSON, L.; MARCU, D. *Discourse Tagging Reference Manual*. ISI Technical Report. ISITR-545, 2001.

CHAFE, W. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R. et al (eds). *Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 105-123.

FÁVERO, L. L.; ANDRADE, M. L. C. V. O.; AQUINO, Z. G. O. Correção. In: KOCH, I. G. V. (Org.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Construção do Texto Falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2006. p. 255-273.

FRASER, B. What are discourse markers? *Journal of Pragmatics* 31: 931-952, 1999.

GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A.; TABOADA, M. Coherence Relations in Functional Discourse Grammar. In: MACKENZIE, J. L.; GÓMEZ-GONZÁLEZ, M. A. (Eds.) *Studies in Functional Discourse Grammar*. Berne: Peter Lang, 2005. p. 227-259.

HILGERT, J. G. Parafraseamento. In: KOCH, I.G.V. (Org.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Construção do Texto Falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2006, p. 255-273.

KOCH, I.G.V.; SOUZA E SILVA, M.C.P. *Atividades de composição do texto falado: a elocução formal*. In: CASTILHO, A.T.; BASÍLIO, M. (orgs.) *Gramática do Português Falado*. v. IV: Estudos Descritivos. Campinas/ S. Paulo: Ed. Da Unicamp/ FAPESP, 1996. p. 379-410.

MANN, W. C.; TABOADA, M. *RST Web Site*. 2010. Disponível em: <<http://www.sfu.ca/rst/01intro/definitions.html>>. Acesso em: 10 mai. 2013.

MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization. *Text* 8(3): 243-281, 1988.

MANN, W. C.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory and text analysis. In: MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (eds.) *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1992. p. 39-77.

MARCUSCHI, L.A. Repetição. In: KOCH, I.G.V. (Org.) *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: Construção do Texto Falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2006. p. 219-254.

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and 'subordination'. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (eds.) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988. p. 275-329.

NEVES, M.H.M.N. *A Gramática Funcional*. S. Paulo: Martins Fontes, 1997.

NICHOLS, J. Functional theories of grammar. *Annual review of Anthropology*, v. 43, 1984, p. 97-117.

PARDO, T. A. S. *Métodos para Análise Discursiva Automática*. 2005. Tese (Doutorado). Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, Universidade de São Paulo. São Carlos-SP, 211p.

PRETI, D. (Org.) *Análise de Textos Oraís*. São Paulo: FFLCH / USP, 1993.

RISSO, M. S. Marcadores discursivos basicamente seqüenciadores. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil – v. I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p.427-496.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Traços definidores dos Marcadores Discursivos. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs). *Gramática do português culto falado no Brasil – v. I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2006, p.403-425.

SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

TABOADA, M. Discourse Markers as Signals (or Not) of Rhetorical Relations. *Journal of Pragmatics* 38(4): 567-592, 2006.

_____. Implicit and explicit coherence relations. In: RENKEMA, J. (Ed.) *Discourse, of course*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 127-140.

Data de envio: 13/05/2013

Data de aprovação: 08/11/2013

Data de publicação: 15/04/2014